Ô Catarina!

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA | SETEMBRO E OUTUBRO | 2007 | NÚMERO 64

CINEMA CATARINENSE

COMO FAZER OS FILMES CHEGAREM AO PÚBLICO

O CINEMA DIGITAL JÁ ESTÁ AÍ

O QUE MUDOU EM MEIO SÉCULO DE FILMAGENS

- CEMITÉRIOS DOS IMIGRANTES ALEMÃES EM SANTA CATARINA – A IMPORTÂNCIA DE PRESERVAR ESSE PATRIMÔNIO
- EM OUTRO CONTINENTE – JOVEM PIANISTA CATARINENSE DÁ SEU DEPOIMENTO E CONTA COMO É A VIDA NA DISTANTE MOSCOU
- DANÇA CONTEMPORÂNEA – O QUE É, COMO SE FAZ, A FORMAÇÃO DA PLATÉIA, A TROCA DE IDÉIAS, O PANORAMA MUNDIAL

E MAIS: CRÔNICAS, POESIAS E DESENHOS INÉDITOS

ELE VOLTOU!

Depois de quase dois anos de ausência, o jornal Ô Catarina! está de volta. E o retorno acontece em um momento especial. Somente para este ano, a Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte reservou ao Funcultural um montante de R$ 44.490.000,00, beneficiando até agora 248 projetos culturais de diferentes regiões catarinenses com um total de R$ 39.577.845,23.

Outra boa notícia é que a Fundação Catarinense de Cultura (FCC) volta a realizar uma série de projetos focados no desenvolvimento cultural. Um deles é o Prêmio Cinemateca Catarinense, que chega à sua quarta edição distribuindo R$ 1,6 milhão para produção de filmes. A retomada dos editais, uma reivindicação antiga da classe artística, também se transformará em realidade, distribuindo recursos para as áreas de artes plásticas, dança, teatro e literatura.

O próprio Ô Catarina! é um desses projetos. Criado na década de 1990 com o objetivo de difundir a cultura do Estado, o jornal é uma iniciativa do Governo do Estado, através da FCC, que agora passará a colocá-lo na rua a cada dois meses, abrindo um importante espaço para mostrar o que fazem e pensam os representantes dos diversos segmentos culturais de Santa Catarina.

Com tiragem de dez mil exemplares, o jornal será distribuído em todas as regiões do Estado, buscando assim contribuir para a formação cultural da população catarinense. Como afirma o secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, Gilmar Knaesel, o atual governo enfrentou com coragem as resistências naturais por tratar a cultura como uma das prioridades de sua gestão. "Ainda estamos quebrando paradigmas", diz o secretário, completando que as conquistas nesse setor, incluindo o retorno deste jornal, o encorajam nesta missão. "Graças ao Funcultural temos a condição de gerir e captar recursos para o desenvolvimento cultural no Estado."

Nesta edição do Ô Catarina! apresentamos um especial sobre o cinema catarinense. Felipe Lenhart e Jade Martins falam sobre as maneiras que alguns batalhadores dessa arte encontraram para fazer seus filmes chegarem ao público, enquanto o cineasta Zeca Pires mostra o caminho para o futuro, em um artigo sobre cinema digital. Para completar, Ronaldo dos Anjos faz uma viagem de meio século pela trajetória do cinema no Estado, comprovando avanços e melhorias.

O jornal está repleto de textos inéditos, como as crônicas dos escritores Silveira de Souza e Jonas Tenfen. O mesmo acontece na contracapa, que ganhou o nome de Semiótica Cultural, cuja proposta é que um artista crie sob inspiração da obra de outro artista. Neste caso, foi a serigrafia de Terezinha Dias que serviu de base para a poesia de Vinícius Alves. Já as criações de Clotilde Zingali foram retiradas de seu livro "Bricolages para Geladeira", ilustrado por Estêvão Teuber Pereira.

Uma curiosa visão sobre as diferenças entre as culturas é o que oferece o depoimento do jovem pianista Pablo Rossi, que passou alguns meses – e deverá passar os próximos anos – estudando música em Moscou. Aproveitando o gancho da música erudita, a jornalista Ana Cláudia Menezes apresenta uma reportagem sobre o impacto desse estilo musical no interior do Estado. A democratização da arte também é assunto da pesquisadora Jussara Xavier, que se debruçou sobre a dança contemporânea – mesmo tema da entrevista com a bailarina Elke Siedler.

Para completar, nas páginas centrais, um ensaio fotográfico de Gill Konell, que fez centenas de fotos em diferentes cemitérios de imigrantes alemães, todos localizados em Santa Catarina. O material ganhou delicada abordagem da pesquisadora Elisiana Trilha Castro, que atua na área de patrimônio.

EXPEDIENTE

SANTA CATARINA

GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA | Luiz Henrique da Silveira

VICE-GOVERNADOR | Leonel Pavan

SECRETÁRIO DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE | Gilmar Knaesel

FCC Fundação Catarinense de Cultura

PRESIDENTE | Elisabete Nunes Anderle
DIRETOR ADMINISTRATIVO | Armando Costa
DIRETORA DE DIFUSÃO ARTÍSTICA | Mary Garcia
DIRETORA DE PATRIMÔNIO CULTURAL | Simone Harger
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO | Deluana Buss
CONSULTORA DE PROJETOS ESPECIAIS | Maria Tereza de Queiroz Piacentini
CONSULTOR JURÍDICO | Sergio Locks
GERENTE DE ADMINISTRAÇÃO, FINANÇAS E CONTABILIDADE | Antônio Ubiratan
GERENTE OPERACIONAL | Domingos Guedin
GERENTE DE LOGÍSTICA E EVENTOS | Soraya Fóes Bianchini
GERENTE DE PATRIMÔNIO | Jefferson Fonseca
GERENTE DE PESQUISA E TOMBAMENTO | Halley Filipouski
ADMINISTRADORA DO CENTRO INTEGRADO DE CULTURA | Iara R. da Silva
ADMINISTRADORA DO TEATRO ADEMIR ROSA | Margaret Westphal
ADMINISTRADOR DO MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA | João Evangelista de Andrade Filho
ADMINISTRADORA DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM | Denise Thomasi
ADMINISTRADORA DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA | Élia Mara Magalhães Brites
ADMINISTRADORA DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA | Susana Simon
AMINISTRADORA DO TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO | Márcia Dutra Boos
ADMINISTRADORA DA CASA DA ALFÂNDEGA | Lucília Polli
ADMINISTRADORA DA CASA DE CAMPO DO GOVERNADOR HERCÍLIO LUZ | Marilóide da Silva
ADMINISTRADOR DA CASA DOS AÇORES MUSEU ETNOGRÁFICO | José Neves
ADMINISTRADOR DO MUSEU NACIONAL DO MAR | Márcio Rosa
SECRETÁRIA EXECUTIVA DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA | Marita Balbi

Ô CATARINA!

EDITORA| Deluana Buss (JP/SC 01009)
COORDENADORA| Mary Garcia
CONSELHO EDITORIAL | Jayro Schmidt, Manoela de Borba, Mary Garcia, Nazareno Eduardo de Almeida, Néri Pedroso, Onor Filomeno
PLANEJAMENTO GRÁFICO E ARTE | Ayrton Cruz
IMPRESSÃO | Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Ioesc)
TIRAGEM | 10 mil exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Publicação da Fundação Catarinense de Cultura

APOIO | FUNCULTURAL SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE

ENTRE EM CONTATO |
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
Av. Governador Irineu Bornhausen, 5.600 — Agronômica – CEP 88025-202 – Florianópolis – SC

E-MAIL | ocatarina@fcc.sc.gov.br
FONE | (48) 3953-2383
SITE | www.fcc.sc.gov.br

COLABORADORES

ANA CLÁUDIA MENEZES
é formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa (UFSC) e mestranda em "Mídia, Conflito e Estudos para a Paz" na Universidade para a Paz (Upeace), em San José, Costa Rica.

CLOTILDE ZINGALI
faz parte do grupo de poetas Zaragata, de Joinville. Publicou seu primeiro livro, "Bricolages para Geladeira", em 2006, e atualmente prepara seu segundo trabalho, "Oco Hálito".

ELISIANA TRILHA CASTRO
tem graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e faz mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade na UFSC. É membro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais.

ELKE SIEDLER
é bacharel e licenciada em História pela UFSC. Criou a Siedler Cia. de Dança em 2003, e em 2006 foi contemplada com o Prêmio de Dança Klauss Viana, da Funarte.

ESTÊVÃO TEUBER PEREIRA
é artista plástico e estudante de design, atuando também como figurinista e cenógrafo do grupo Em Cena Teatro, de Joinville.

FELIPE LENHART
é formado em Jornalismo pela Unisul, com especialização em Estudos de Jornalismo na UFSC. Atualmente, trabalha como redator e editor na editora Letras Brasileiras, em Florianópolis.

GILL KONELL
é fotógrafo, com mostras individuais e participação em exposições coletivas. Como presidente do Foto Clube Florianópolis, ajudou a coordenar o Circuito Sul-brasileiro de Arte Fotográfica.

JADE MARTINS LENHART
é formada em Jornalismo pela UFSC e faz doutorado em Teoria Literária também na UFSC, com pesquisa sobre o teatro de Nelson Rodrigues.

JONAS TENFEN
é formado em Letras Português pela UFSC. Trabalha há três anos com cursos pré-vestibulares comunitários, é professor contratado de literatura no Colégio Cruz e Sousa.

JUSSARA XAVIER
é mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, especialista em Dança Cênica pela Udesc, organizadora e curadora dos encontros Múltipla Dança e Tubo de Ensaio, professora e gestora de projetos na Escola do Teatro Bolshoi no Brasil.

PABLO ROSSI
é pianista e em 2006 iniciou um curso com duração de seis anos no Conservatório Tchaikovsky de Moscou. Com 18 anos de idade, acumula prêmios nacionais e internacionais, apresentações solo e ao lado de importantes orquestras brasileiras.

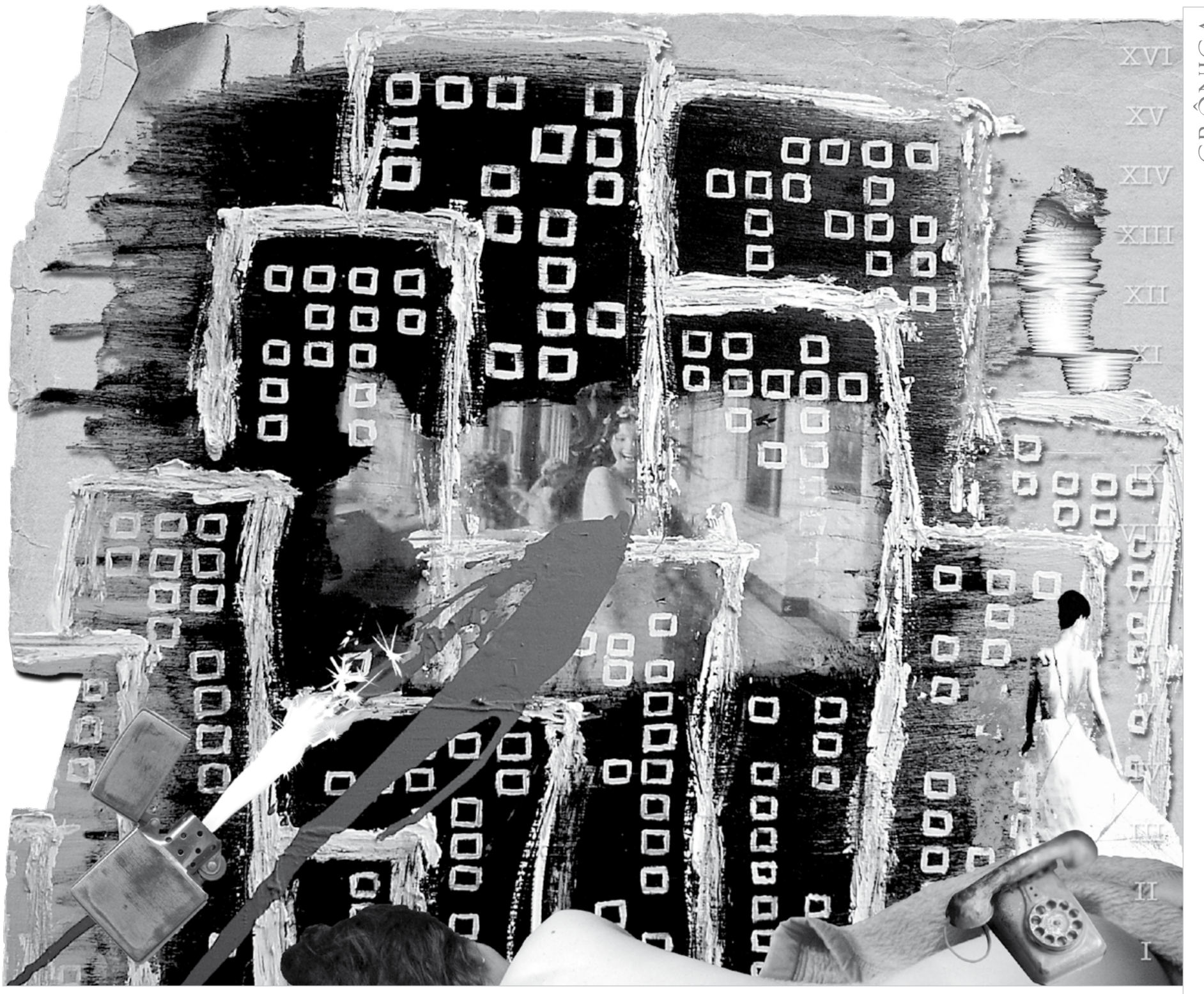
RONALDO DOS ANJOS
é formado em Jornalismo pela UFSC. Foi gerente de Cinema e Vídeo da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e diretor do Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina. Dirigiu e produziu o curta-metragem "O Santo Mágico".

VINÍCIUS ALVES
é poeta e editor. Tem publicados os livros "Coisa", "Nens Nãos Quasis", "10 Haikais ou Aki Meu Haraquiri", "Arte em Tear", "O Corvo, Corvos e o Outro Corvo", entre outros.

SILVEIRA DE SOUZA
é ficcionista e integrou o Círculo de Arte Moderna, mais conhecido como Grupo Sul. Tem vários livros publicados, entre os quais "O Vigia e a Cidade", "Uma Voz na Praça", "Os Pequenos Desencontros", "O Cavalo em Chamas" e "Janela de Varrer".

TEREZINHA DIAS
é artista plástica. Estuda pintura e gravura nas oficinas de arte da FCC. Participou de exposições coletivas e realizou individuais de desenho e pintura.

ZECA NUNES PIRES
é cineasta e mestre em História pela UFSC, onde foi também diretor do Departamento Artístico Cultural. Participou da criação d a Cinemateca Catarinense, do Funcine e do curso de Cinema da Unisul. Atualmente está finalizando o longa-metragem "A Antropóloga".



A PROPÓSITO DE CAOS

TEXTO | SILVEIRA DE SOUZA
ILUSTRAÇÃO | AYRTON CRUZ/DIVULGAÇÃO

Todos sabem que no princípio era o Caos e depois disso Deus fez a Luz. Que a Luz (a instantaneidade e a totalidade da Luz) seja o grande fator da criatividade humana talvez, fora do mundo burguês, ninguém duvide, mas e o Caos? Eu perguntava isso para Dioclécia, quando entrávamos naquele elevador que nos levaria ao 16º andar do edifício das Benfeitorias Eternas da Administração Regional. Dioclécia andava sempre vestida de palhaça, com aquela calça jeans vermelha, a blusa de seda verde e o tênis com arabescos de várias cores. Os cabelos eram uma maçaroca ruiva encaracolada. Devo confessar que a admiração (e talvez o tesão) que eu nutria por Deoclécia vinha, além dos cigarrinhos que fumávamos juntos na cama, somente da sua inteligência louca e sutil, que se manifestava através de perguntas irrespondíveis, como por exemplo: "Por que 86,7% da humanidade é composta de idiotas?" E também porque naquele instante e naquele elevador, ela me disse: "O caos de hoje não é o mesmo caos de ontem".

Eu sabia disso. O caos de hoje não é o mesmo caos de ontem. Senti isso enquanto o elevador acelerava, provocando uma espécie de vácuo que vinha dos testículos e passava pelo estômago. O caos de ontem era a confusão, a anarquia, a bagunça incompreensível, o ilógico. Era o caos que contrariava a mecânica newtoniana, tão certinha, tão lógica, tão ligada às "condições iniciais matemáticas" do universo físico exterior, sem nenhuma atenção ao universo interior de nós todos, os seres humanos. Era o universo da perspectiva, do ponto de vista, o universo explicado do quadro pendurado na parede. Eu tinha uma sentença de Ilya Prigogine, esse gênio da moderna ciência, gravada na cabeça, que dizia: "Hoje vivemos uma reconceituação da física, que aproxima o mundo interior do mundo exterior."

Mas, enquanto o elevador subia e Dioclécia sentava no chão e olhava pra mim, com ar de gozação, eu disse: "Picasso e Braque, em seu tempo, anteciparam intuitivamente os fractais. Sabe lá o que é isso? Anteciparam com as suas experiências mentais, sem o auxílio de computadores. Eles romperam com a tradição mecânica e criaram, em teoria, a visão multifacetada, interior e exterior, o ser total, sem perspectivas, mas, ainda assim, compreensível, como pode ser compreensível qualquer tipo de vida de um ser humano ou de qualquer partícula subatômica."

Foi quando Dioclécia puxou um cigarrinho do bolso da sua calça jeans vermelha, acendeu-o, aspirou fundo, e disse:

"Legal."

Pensei: Dioclécia, mais uma vez, estava ganha.

O elevador chegava ao 16º andar.

CINEMA CATARINENSE: EXISTE, É BOM, E AGORA LUTA PARA CHEGAR AO PÚBLICO

PENNA FILHO: "UM CRAQUE CHAMADO DIVINO" (FOTOS MARCUS HIRAKAWA / DIVULGAÇÃO) E FILMANDO "DOCE DE COCO" (FOTO ANTÔNIO CARLOS MAFALDA)



TEXTO | FELIPE LENHART E JADE MARTINS LENHART
FOTOS | MARCUS HIRAKAWA E ANTÔNIO CARLOS MAFALDA, VERA SAYÃO E DIVULGAÇÃO

Nos últimos dez anos, o setor audiovisual avançou em Santa Catarina e alcançou um patamar mínimo de profissionalização. Os editais de incentivo têm distribuído algum dinheiro, já há atores e profissionais da área técnica na praça, uma faculdade foi criada, bem ou mal os longas, médias e curtas são produzidos e finalizados (alguns premiados), a pesquisa de conteúdo para novos roteiros é intensa, as produtoras possuem espaço na TV aberta para realizar projetos e existem cada vez mais mostras, maratonas e festivais.

Acontece que o produto da atividade do setor não é exibido. Se neste momento, enquanto lê Ô Catarina!, o leitor for tomado pela vontade de assistir a um filme catarinense, precisará de sorte. Terá de revirar as videolocadoras atrás de um DVD, torcer para que algum evento do meio esteja ocorrendo na sua cidade ou contatar o diretor e comprar uma cópia pessoalmente. Os filmes daqui ainda não encontram o público.

Penna Filho é diretor experiente. Seu último longa, "Um Craque Chamado Divino", sobre o jogador Ademir da Guia, teve boa entrada nas salas de exibição. A explicação é que o filme é mais comercial se comparado ao restante da produção do cineasta, e tinha grande apelo entre os fãs do futebol. Mas ser de São Paulo e ter construído sua longa carreira no eixo RJ—SP também ajudaram. "O 'Divino' foi distribuído por uma empresa dedicada à produção independente, em salas alternativas. Na cidade de São Paulo, o filme entrou em três salas, e ficou quatro semanas no Belas Artes. Passou em Campinas, interior paulista, além de outras capitais, como Curitiba, Recife. O cinema brasileiro some se não estiver ligado à Globo Filmes ou a uma multinacional que de brasileira só tem o nome, como Warner do Brasil ou Columbia do Brasil. Sendo de Santa Catarina, então, nem se fala. Para curta-metragem, o único meio de exibição são os festivais. Ou então é vender para secretarias, fundações", afirma.

O diretor acaba de filmar a comédia "Doce de Coco", um dos filmes vencedores do Prêmio Cinemateca Catarinense/Fundação Catarinense de Cultura. Realizado com baixo orçamento (R$ 780 mil), o longa não conta com nenhum ator global. Perguntado sobre as perspectivas para a carreira do filme, Penna Filho demonstra esperança, mas o desalento é evidente. "A minha perspectiva é de que eu alcance um bom resultado final. Aí poderei levar os filmes para festivais e, assim, tentar chamar a atenção de alguma distribuidora que consiga colocar o filme neste 'gueto' em que o cinema brasileiro é confinado. A minha visibilidade vai depender muito disso. Não vejo outra possibilidade", diz.

Para evitar o problema da exibição, o diretor catarinense Chico Faganello, jornalista de formação, conta que resolveu mudar sua forma de fazer cinema, quebrando paradigmas que ele considera ultrapassados. O resultado está na tese de doutorado que ele defende ainda em 2007 no curso de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na atualidade, diz, já não é possível produzir um filme agarrado às velhas fórmulas. "Escrevi o roteiro de 'Outra memória' já pensando em como adaptá-lo para curta, DVD com extras e televisão. Ele foi captado em sistema digital e exibido em salas com esta tecnologia. Eu não tinha cópia de 35 mm para as salas convencionais. Seria perda de dinheiro", conta Faganello, diretor também de "Capitão Imaginário", primeiro documentário de Santa Catarina lançado em DVD.

ALTERNATIVO

Há outros exemplos de produtores e cineastas locais que têm se valido de formas alternativas de elaboração e divulgação dos seus trabalhos. Marco Martins, formado em Cinema na Unisul e diretor do *cult* "Veludo e Cacos de Vidro", da Vinil Filmes, defende a internet como um dos caminhos. "Os editais atendem a uma demanda de cinema, mas não são suficientes. A internet supre a necessidade de divulgação do audiovisual e ainda favorece a divulgação de qualquer trabalho, sem precisar prestar contas, sem pré-seleção, sem exigências, por mais autoral que seja o projeto. Há bastante liberdade", conta.

Por outro lado, Martins aponta a necessidade de manutenção dos editais, já que a internet parece atuar num outro nicho, complementar. Prova disso é que o meio, embora ainda incipiente, já apresenta especificidades de operação: formato, adequação de conteúdo a uma tela rápida e pequena, cuidado especial com o som, mais precário. "Uma das dificuldades é o retorno financeiro. Mas há muitas maneiras de utilização da internet. A Vinil Filmes está com um projeto grande que reúne *site*, vídeo e atualização semanal de conteúdo. Depois de pronto, pretendemos firmar contato com empresas e garantir a publicidade, uma das únicas saídas para retorno financeiro", avalia.

Se a internet desponta como um veículo em potencial, sobretudo para a divulgação do cinema local – com *sites* como o You Tube e os *blogs* –, o futuro parece apontar justamente para a convergência de televisão, cinema e internet. "Os editais alimentam nossas salas de exibição com produção local; a televisão abre as portas para os nossos projetos, em horário comercial; e a internet facilita o trabalho de quem lida com o audiovisual, com exibição alternativa. É nisso que acredito", completa Martins.



FILMES DE CHICO FAGANELLO – "O CAPITÃO IMAGINÁRIO" (FOTO DIVULGAÇÃO) E "OUTRA MEMÓRIA" (VERA SAYÃO/DIVULGAÇÃO)

NA TELINHA E NA TELONA, MAIS PERTO DO POVO

Uma idéia inédita no circuito de festivais de vídeo e cinema brasileiro nasceu numa mesa do Bar do Chico, na Lagoa da Conceição, em Florianópolis, em 2005. Pedro Jungmann e dois amigos conversavam quando o primeiro propôs a criação de uma mostra semelhante às de que ele fora jurado na Alemanha, onde se formou em cinema. A 1ª Mostra Nacional de Cinema e Vídeo Rural de Piratuba, com patrocínio do Governo do Estado, ocorreu entre 2 e 4 de dezembro daquele ano.

"Trabalhei com a produção de filmes e vídeos na Alemanha durante 18 anos. Quando voltei, em 2003, queria fazer algo diferente, mais social. Trabalhando na Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), consegui produzir o curta 'Piratuba, Terra Boa'. Depois de outros projetos, conseguimos fazer a mostra, que foi um sucesso. Ao todo, exibimos 13 produções, de graça, para 1,5 mil pessoas", recorda.

Durante a mostra, foi anunciado que, em julho de 2006, ocorreria o Festival Nacional de Cinema Rural de Piratuba. Mas meses antes, em março, o evento foi cancelado: por se tratar de um ano eleitoral, a captação de recursos acabaria prejudicada. Adiado para 2007, o festival ocorreu entre 4 e 7 de julho.

"Foi um sucesso ainda maior. Cerca de dez mil pessoas participaram do evento, que teve também feira, oficinas e encontros temáticos. Recebemos 48 inscrições de filmes de todo o país, selecionamos 32. Houve premiações em quatro categorias e a idéia agora é pegar os vencedores e fazer uma mostra itinerante por todo o Estado. Além de valorizar o espaço rural e promover o debate sobre o cinema rural, o festival inicia um público que não está acostumado com cinema e cria espaço para a produção local", avalia Jungmann.

A falta de espaço para filmes nacionais na TV aberta é uma reclamação antiga do setor, entrave para a formação de uma indústria. No Estado, esta demanda é em parte atendida desde 2002, por iniciativa da RBS TV, que lançou o "SC Em Cena". Aos sábados, antes do Jornal do Almoço, o programa leva ao ar vídeos idealizados, produzidos e executados por mão-de-obra local remunerada de acordo com a realidade do mercado, garante Anselmo Prada, coordenador de produção da emissora.

"Cada programa é visto por no mínimo um milhão e meio de pessoas. Durante o ano, o programa veicula vídeos feitos no Estado. Uma vez por ano, promovemos ainda a Mostra de Curtas Catarinenses, em que resgatamos produções que já tiveram uma carreira em mostras e festivais e que, na TV aberta, têm a chance de ganhar nova vida. Em 2006, o programa alcançou uma audiência de 54% de *share*", revela.

Anselmo conta que uma das novidades da temporada 2007 será o lançamento, no segundo semestre, do 1º Prêmio SC Em Cena. Os vídeos exibidos durante o ano vão concorrer em várias categorias, como forma de estimular a produção e prestar reconhecimento ao trabalho das produtoras que se engajaram no projeto, patrocinado por Bünge e Senac. Para o futuro, há ainda a idéia de lançar uma série em DVD do programa.

"Temos satisfação em promover esta iniciativa, inédita no Brasil. Em 2002 foi um sacrifício, tivemos de garimpar vídeos. Hoje, o comprometimento é total. As produtoras finalizam um vídeo e já começam a trabalhar num projeto para apresentar no ano seguinte. A grade de 2007 já está 50% tomada", conta o coordenador.

Mas quando o que está em pauta é a exibição dos filmes catarinenses, nem o aumento da quantidade de salas de exibição ajuda. Em Florianópolis, por exemplo, o público logo percebeu que as 14 novas salas, abertas em dois novos shoppings centers da cidade, não auxiliariam em nada o cinema local: elas seguiram, como as já existentes no shopping antigo, na exibição quase tão-somente do cinema norte-americano.

Gilberto Gerlach, responsável pelas únicas salas alternativas da Grande Florianópolis – o Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, no Centro Integrado de Cultura (CIC), e o Cine York, em São José –, compartilha a idéia de que os avanços foram apenas técnicos: mais conforto e boa projeção.

"De resto, o cinema oferecido nessas novas salas continua sendo apenas o de Hollywood. E aqui, se não fosse o apoio do Governo do Estado e da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), o dinheiro arrecadado na bilheteria do CIC não pagaria sequer as despesas de manutenção. No Cine York, que é um empreendimento comercial, preciso aliar cinema alternativo aos filmes americanos famosos do momento, caso contrário já teria fechado as portas", revela.

No último ano, porém, quando percebeu que os novos cinemas inaugurados não trariam outros ares, Gerlach fez questão de exibir o europeu "Paris, Eu Te Amo", de vários diretores, inclusive os brasileiros Walter Salles e Daniella Thomas. Não fosse ele, diz, ninguém teria a chance de assistir à produção em Florianópolis.

"O motivo da crise é, antes de tudo, financeiro. Salas de cinema alternativo costumam dar muito prejuízo, e os cinemas de shopping, dentro de um centro comercial, pelo valor do aluguel e do investimento, jamais poderão fugir do cinema veiculado na grande mídia", lamenta.



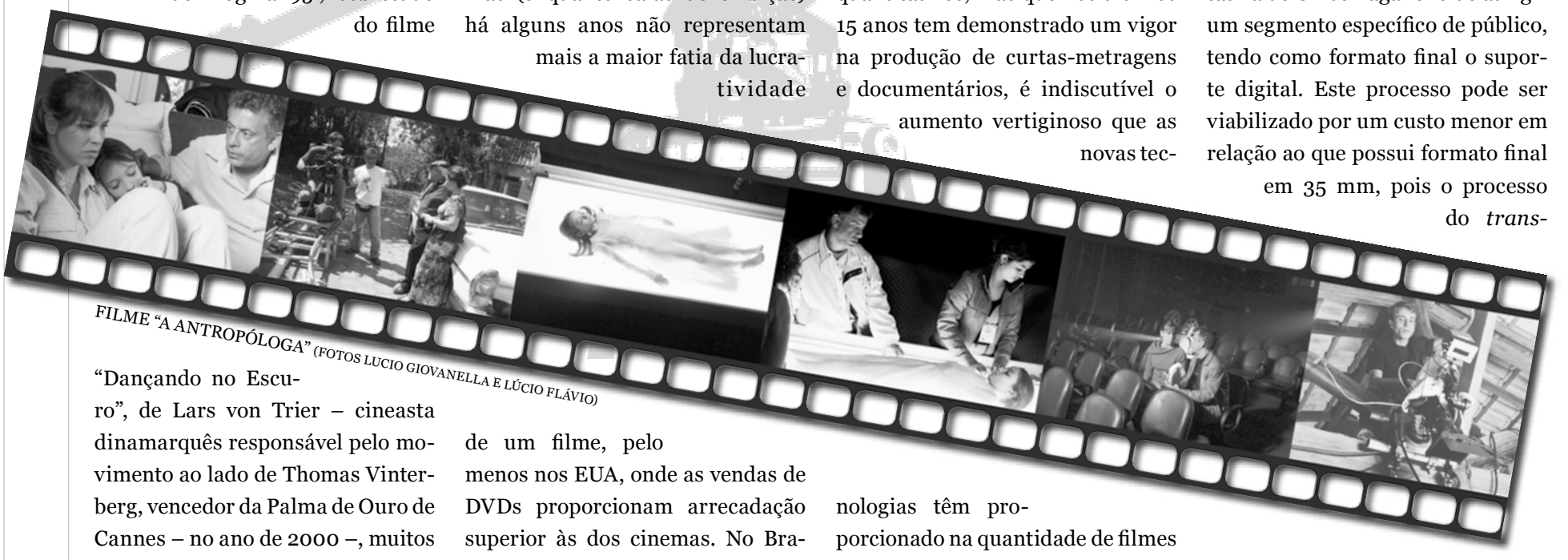
FOTOS DO FESTIVAL DE CINEMA DE PIRATUBA (DIVULGAÇÃO)

O CINEMA DIGITAL: O FIM DA PELÍCULA

TEXTO | ZECA NUNES PIRES
FOTOS | LÚCIO GIOVANELLA E LÚCIO FLÁVIO

Os avanços tecnológicos, ocorridos fundamentalmente nos anos que antecederam ao novo milênio e que não param de acontecer a cada dia que passa, estão gerando mudanças sistemáticas no processo cinematográfico, compreendendo aqui o tripé: produção (preparação/filmagem/finalização), distribuição e exibição.

Filmes captados inteiramente em vídeo digital chamam a atenção da mídia mundial para o uso das novas tecnologias em cinema e suas possíveis repercussões na história e na estética deste veículo. Depois do exemplo marcante do manifesto do Dogma 95[1], sobretudo do filme "Dançando no Escuro", de Lars von Trier – cineasta dinamarquês responsável pelo movimento ao lado de Thomas Vinterberg, vencedor da Palma de Ouro de Cannes – no ano de 2000 –, muitos filmes em todo o mundo passaram a ser captados com tecnologia digital mesmo tendo a película como produto final e a tela grande das salas de exibições como a primeira janela do filme.



FILME "A ANTROPÓLOGA" (FOTOS LUCIO GIOVANELLA E LÚCIO FLÁVIO)

"Nenhuma outra forma de expressão humana celebra a si mesma com tanta pompa e energia" ("A linguagem secreta do cinema", de Jean-Calude Carriére, 1995, p. 211). Esse glamour e a penetração midiática quase avassaladora que a arte cinematográfica detém mundialmente servem de estímulos para muitos estudos, mas também acabam gerando muita especulação e confusão em torno do assunto.

Os avanços tecnológicos ou a digitalização estão trazendo benefícios para a realização de um filme. A utilização de tecnologias digitais no processo de realização cinematográfica cresceu tanto nos últimos anos que hoje é difícil encontrar um filme que não tenha feito uso desta tecnologia em alguma fase do processo de produção. As novas tecnologias representam uma maior democratização ao acesso da produção audiovisual por proporcionar uma redução significativa nos orçamentos. Por enquanto, quando ainda não se sabe quem pagará a conta da digitalização das salas de exibição, é preciso prudência para quem quiser produzir com o formato final em 35mm. Não obstante, os cinemas (enquanto salas de exibição) há alguns anos não representam mais a maior fatia da lucratividade de um filme, pelo menos nos EUA, onde as vendas de DVDs proporcionam arrecadação superior às dos cinemas. No Brasil, onde não temos uma indústria cinematográfica, deve-se considerar a economia do audiovisual e realizar um estudo detalhado da proposta estética do filme e das condições orçamentárias da produção na hora de decidir o suporte de captação. Nem sempre a captação digital vai proporcionar um custo total menor quando o formato final for em 35mm. Os documentaristas com filmes de depoimentos podem decidir pela captação digital e gravar sem preocupação com a despesa do suporte (pois a fita digital tem um preço muito inferior ao da película) e praticamente sem interrupções. Já para os filmes de ficção é necessário um planejamento bastante complexo para se estabelecer o processo mais econômico para as propostas criativas do trabalho. O certo é que a intermediação digital, seja o filme captado em película ou no suporte digital, proporciona ilimitadas possibilidades de manipulação da imagem.

A redução dos custos se configura como um fator fundamental para o crescimento de cinematografias de países em desenvolvimento, como o Brasil. Desde o final do século passado, inúmeros filmes brasileiros de curta e longa-metragem fazem uso desta tecnologia. Em relação ao Estado de Santa Catarina, que não possui uma filmografia expressiva em termos quantitativos, mas que nos últimos 15 anos tem demonstrado um vigor na produção de curtas-metragens e documentários, é indiscutível o aumento vertiginoso que as novas tecnologias têm proporcionado na quantidade de filmes e documentários para televisão e para circuitos alternativos de exibição. A maioria das produções catarinenses que já fizeram uso desta tecnologia na captação de imagem não teve a película como suporte final da produção. Entre os realizados digitalmente, mas que não tiveram a película como suporte final, destacam-se os dos alunos das faculdades de Cinema (Unisul e Universidade Federal de Santa Catarina); pelos alunos das inúmeras Faculdades de Comunicação que se espalham pelo Estado – com ênfase para o curso de Jornalismo da UFSC; pelas produções independentes, principalmente as ligadas à Cinemateca Catarinense; como também a série de teledramaturgia "Curtas Catarinenses", realizada por produtoras independentes e exibida na RBS-TV, depois substituída pelos documentários "Santa Catarina em Cena", mantendo a mesma relação com as produtoras independentes.

Dois dos filmes que retomam a produção de longa-metragem no Estado, "Procuradas" e "Outra Memória" são bons exemplos da utilização da tecnologia digital na captação. O primeiro é uma experiência deste autor em parceria com José Frazão, totalmente captado com tecnologia digital (beta digital) em 2002 e tendo como suporte final o 35mm. Já o segundo, é outra tentativa de Chico Faganello de atingir um segmento específico de público, tendo como formato final o suporte digital. Este processo pode ser viabilizado por um custo menor em relação ao que possui formato final em 35 mm, pois o processo do *transfer* (tecnologia que transforma o suporte digital em película 35mm) ainda envolve custos elevados. Mas há que se pesar também o pequeno número de cinemas comerciais com projeção digital em funcionamento no país.

Todo esse hibridismo de processos e técnicas presentes na produção cinematográfica contemporânea está calcado no crescimento vertiginoso da indústria da informática e suas poderosas ferramentas de computação, com novidades sistemáticas em todo o planeta na práxis da realização cinematográfica.

Mas o que é exatamente o cinema digital? Um filme que utilize apenas em uma etapa da realização o equipamento digital pode ser considera-

[1] O primeiro filme lançado com o certificado de obediência ao voto de castidade foi "Festa de Família" (Festen, 1998), de Thomas Vinterberg. Dono de uma companhia no subúrbio de Copenhague, a Zentropa Entertainment, Von Trier lançou o filme "Os Idiotas" (Idioterne, 1998). Estes dois filmes foram os que primeiro puseram em prática a ideologia do Dogma e que a lançaram como viável nos circuitos de filmes internacionais, com custos de produção baixos (em torno de 1 milhão de dólares).

do cinema digital? Aí a confusão é grande. Normas e recomendações precisam ser estabelecidas para todas as etapas da cadeia: captação, edição, masterização, transmissão, armazenamento e projeção. Regulamentação que está sendo elaborada pelo *European Digital Cinema Forum* e pelo *Digital Cinema Iniciatives define como características* da produção cinematográfica digital a resolução entre 2K e 4K por linha e a compressão JPEG 2000. Os formatos inferiores a esse padrão são chamados cinema eletrônico (*e-cinema*)", segundo o diretor de fotografia e pesquisador Carlos Ebert.

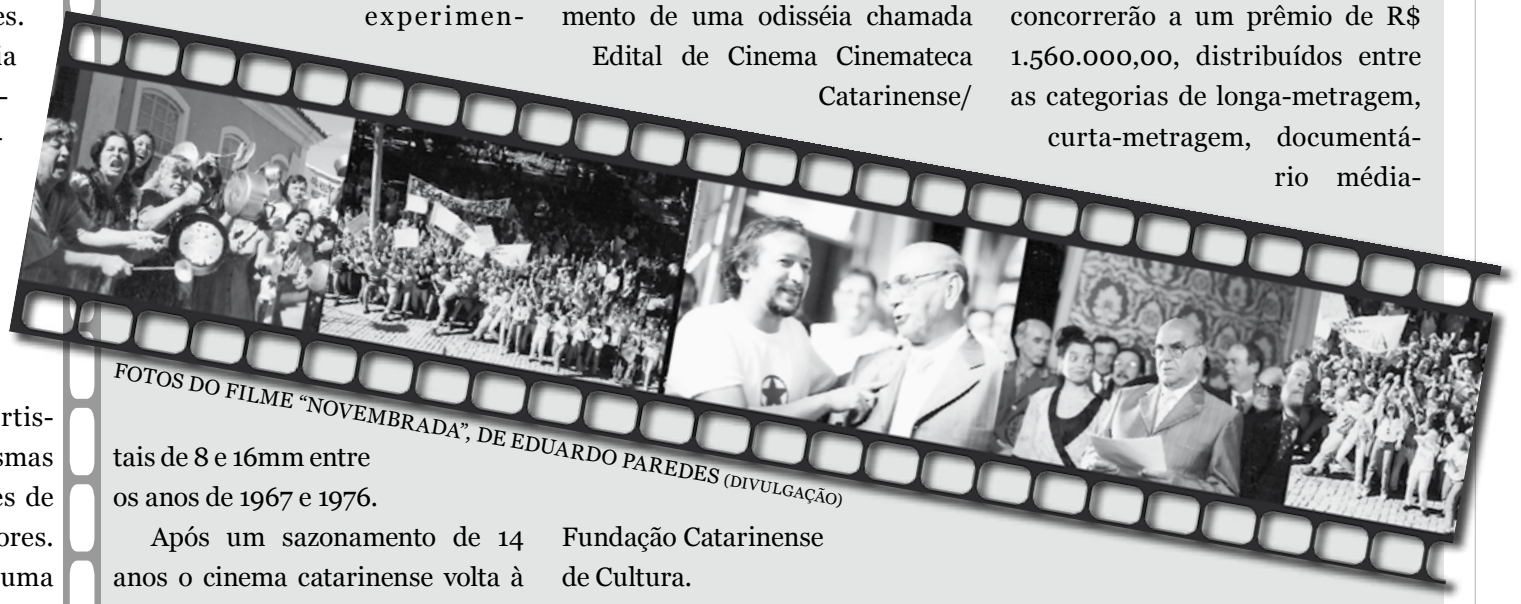
Neste contexto estão sendo construídos e elaborados inúmeros discursos e trabalhos que versam sobre os impactos das novas tecnologias e seus reflexos diretos e indiretos sobre os filmes. É preciso perceber a existência de diferentes teorias, com interesses dos mais diversos: desde a venda de equipamentos até a elaboração de trabalhos teóricos sérios. E, acima de tudo, é fundamental entender que o avanço tecnológico proporciona apenas novas ferramentas nas mãos de artistas e que a utilização das mesmas não significa exatamente filmes de conteúdo e qualidades superiores. Muito se tem discutido sobre uma revolução na linguagem cinematográfica por conta da digitalização, mas creio que por enquanto têm aparecido apenas esboços de novas expressões e muitas repetições de técnicas já existentes. Mas é de se considerar que uma mudança no paradigma técnico pode provocar modificações na linguagem, ainda que não imediatas.

É verdade que a película está com seus dias contados, e que todos esses questionamentos, classificações e distinções técnicas que ainda existem entre festivais de cinema e de vídeo, por exemplo, vão deixar de existir. Mas, tanto no ritual da sala escura de um cinema quanto no ambiente de uma sala de TV, o que jamais deve deixar de prevalecer num filme é a invenção criativa do ser humano que está por trás, na frente e acima de qualquer técnica.

JOVEM COM MEIO SÉCULO DE VIDA

Fora os registros cinematográficos de cunho documental realizados a partir do início do século passado, o cinema catarinense, aquele produzido dentro das normas do roteiro cinematográfico, teve início em Santa Catarina somente em 1957, com a produção do filme "O Preço da Ilusão". Portanto, o cinema catarinense comemora neste ano seus 50 anos de existência.

Uma década depois desse primeiro longa-metragem, estudantes universitários aficionados pela sétima arte que faziam parte do Grupo Universitário de Cinema Amador (GUCA) retomaram as atividades cinematográficas no Estado com a produção de cinco filmes experimentais de 8 e 16mm entre os anos de 1967 e 1976.



FOTOS DO FILME "NOVEMBRADA", DE EDUARDO PAREDES (DIVULGAÇÃO)

Após um sazonamento de 14 anos o cinema catarinense volta à tona, também pelas mãos de dois estudantes universitários: Zeca Pires e Norberto Depizzolatti, com o filme "Manhã", produzido em 1989.

A primeira produção cinematográfica de Santa Catarina concebida fora da universidade, excluindo o longa-metragem de 1957, mas mesmo assim contando com o apoio da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), surge da garra e da vontade de fazer cinema de Eduardo Paredes, que dirigiu os premiados curtas "Desterro" (1992) e "Novembrada" (1998).

De lá pra cá, no rastro desses neopioneiros, surgiram outras produções de curta-metragem, desta vez com uma periodicidade mais freqüente.

Hoje se pode dizer que há um outro *boom* cinematográfico em Santa Catarina, não proporcionado por grupos isolados ou estudantes universitários vindos das áreas de ciências humanas ou sociais, mas sim graças às faculdades de cinema que surgiram no Estado, arrebanhando uma juventude herdeira da tecnologia digital que recorreu à academia para embasar suas produções.

Mesmo assim, comparando-se ao futebol, o cinema catarinense ainda não ganhou nenhum campeonato brasileiro da série A, até porque somos iniciantes na categoria longa-metragem, onde jogam os craques.

Mas esse caminho está sendo construído e o pontapé inicial foi dado no ano de 2001 com o lançamento de uma odisséia chamada Edital de Cinema Cinemateca Catarinense/ Fundação Catarinense de Cultura.

Como vimos, o cinema catarinense sempre teve um estreito relacionamento com a UFSC e, nos anos 80, dentro do curso de jornalismo daquela universidade, surge a idéia e a iniciativa de se criar a Cinemateca Catarinense, uma entidade que reúne os fazedores e os amantes do cinema do Estado e cujo objetivo é lutar por uma política de desenvolvimento para o setor.

Atendendo reivindicação da classe, o Governo do Estado instituiu o Prêmio Cinemateca Catarinense/Fundação Catarinense de Cultura, que através de editais, até o momento, já distribuiu R$ 4.ll8.000,00 para o audiovisual produzido em Santa Catarina.

O primeiro "osso" caiu na mão de um documentarista, e assim, acredito, começou uma nova jornada: o trabalho de base. Desconsiderando o largo espaço de tempo que existiu entre o prêmio e a finalização do filme vencedor do primeiro Edital, não se pode negar que o documentário "Seo Chico – Um Retrato", de José Rafael Mamigonian, foi, até hoje, o longa-metragem catarinense que mais levou público às salas de cinema do Estado.

E como toda odisséia implica em peripécias e complicações, essa não poderia ser diferente, pois durante os sete anos de existência do Edital tivemos apenas três edições, sendo que a quarta edição do prêmio, o Edital de Cinema 2007, foi recentemente lançada, abrindo inscrições para os projetos que concorrerão a um prêmio de R$ 1.560.000,00, distribuídos entre as categorias de longa-metragem, curta-metragem, documentário média-metragem, vídeo e desenvolvimento de roteiro para longa e curta-metragem.

As outras maneiras de viabilizar a produção cinematográfica são o Sistema Estadual de Incentivo ao Turismo, Cultura e Esporte, os fundos municipais de incentivo à cultura e a Lei Rouanet, do governo federal.

É evidente que o cinema, assim como o futebol, precisa de investimentos para ter uma equipe vencedora. Quem sabe um dia teremos uma equipe indo para Tóquio receber a taça de campeão mundial de futebol e outra indo para Los Angeles agarrar, ao invés do osso, a estatueta resultante da nossa odisséia. Tomara que o cinema catarinense não precise comemorar mais 50 anos para que isso aconteça. Não custa sonhar, mas filmar...

TEXTO | RONALDO DOS ANJOS
FOTOS | DIVULGAÇÃO



CEMITÉRIO LUTERANO – BRUSQUE



CEMITÉRIO LUTERANO – BRUSQUE



CEMITÉRIO DE RACHADEL – ANTÔNIO CARLOS



CEMITÉRIO DE SANTA MARIA – ANTÔNIO CARLOS



CEMITÉRIO TERESÓPOLIS – ÁGUAS MORNAS



CEMITÉRIO SANTA FILOMENA – SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA



CEMITÉRIO SANTA FILOMENA – SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA



CEMITÉRIO DE SANTA MARIA – SÃO MARTINHO

ENTRE CRUZES, FLORES E ANJOS... A AUSÊNCIA.

TEXTO | ELISIANA TRILHA CASTRO
FOTOS | GIL KONELL

Assim estão muitos dos cemitérios de imigrantes alemães espalhados por todo o Estado de Santa Catarina. Apesar das expressões e gestos de saudade de familiares com seus mortos, vêem-se também túmulos quebrados e cobertos pelo mato, ocultando muita história entre seus registros.

Mas o que guarda um cemitério? Por sua função, os mortos, mas um olhar atento poderá ver que há nele história e belos registros criados para lembrar os que se foram. Uma arquitetura funerária com representações de memória e despedida e que, junto com os registros de nomes e datas, compõem um conjunto que une arte e patrimônio. Um patrimônio ameaçado por ações de vandalismo e por falta de ações de proteção.

Mas se considerar um cemitério como um lugar de patrimônio pode causar estranheza, uma simples visita a um destes espaços pode mudar o modo como se interpreta o patrimônio. Patrimônio, entre tantas definições, pode ser um bem que contribui para refletir, preservar e difundir características e práticas representativas da história e da cultura de um determinado grupo. Dentro desta perspectiva, o cemitério, por sua forma e elementos culturalmente construídos, pode se inserir como um destes bens de preservação patrimonial.



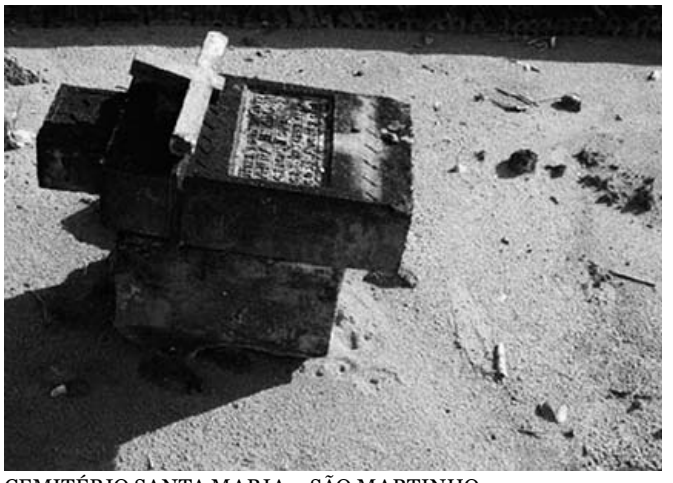
CEMITÉRIO LUTERANO – BRUSQUE



CEMITÉRIO SANTA MARIA – SÃO MARTINHO



CEMITÉRIO MUNICIPAL TESTO ALTO – POMERODE



CEMITÉRIO SANTA MARIA – SÃO MARTINHO



CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO – ARMAZÉM



CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO – SÃO BONIFÁCIO



CEMITÉRIO MUNICIPAL DE TIMBÓ – CENTRO DE TIMBÓ



CEMITÉRIO MUNICIPAL TESTO ALTO – POMERODE

ENTRE PEDRAS E TIJOLOS QUEBRADOS... O ABANDONO.

No caso dos cemitérios ligados à imigração alemã em nosso Estado, eles oferecem um importante conjunto documental que pode ajudar a compor a história de homens e mulheres que se lançaram em busca de trabalho e de possibilidades de uma vida melhor em terras catarinas. Muitas são as localidades espalhadas pelo Estado nas quais as informações presentes nos epitáfios se constituem nos poucos registros para refletir acerca da participação dos imigrantes na formação e construção destas cidades. Além das lápides com suas mensagens de adeus, nomes, datas e retratos, temos nos túmulos obras que através de anjos, santos e símbolos, oferecem a céu aberto a arte que representa a memória e que se expressa, apesar da melancolia do lugar, em belas representações da ausência.

Mas o que guarda um cemitério? Pode guardar mais que os mortos. Pode, com ações de preservação patrimonial, guardar os registros de uma história que se manifesta na forma como os homens se portam diante da morte, ou seja, de seus rituais funerários. Por fim, estando entre os bens e lugares a serem preservados, dado seu valor documental, o cemitério pode evidenciar-se como um documento no qual podemos ler, entre cruzes, flores e anjos, a história contada pelos atos da saudade.

FOTO GLÁUCIA GRIGOLO



GRUPO CANTUS FIRMUS, DE FLORIANÓPOLIS



CAMERATA CRICIÚMA



PROJETO VIOLINOS NA EDUCAÇÃO, DE ITAJAÍ

ERUDITO POPULAR

A reinauguração do Museu Augusto Casagrande, na noite de 22 de junho, marcou a vida de muitos moradores da cidade de Criciúma, no Sul catarinense. Não apenas pela possibilidade de poder voltar a visitar o importante patrimônio histórico, construído em meados dos anos 1920, mas principalmente pela agenda cultural programada para a noite. Naquele dia, músicos da Camerata Criciúma saudaram o retorno do popular Museu da Colonização com peças do repertório da música erudita, como a Nona Sinfonia de Beethoven, obras de autoria de Bach e temas populares como "O Fantasma da Ópera" e "Mágico de Oz".

Era um público pequeno, porém atento e admirado com o desempenho dos músicos locais. "As pessoas não acreditam que somos daqui", comenta, entre risadas tímidas, o regente da Camerata Criciúma e professor de violino, Josenir Alves Cerqueira. A surpresa tem uma explicação. A música erudita – ou clássica – é considerada por muitos inacessível e difícil de ser compreendida, com suas expressões diferentes, nomes de instrumentos e de compositores em línguas estrangeiras, trajes pomposos.

Pois foi justamente a proximidade com os músicos e a simplicidade destes que surpreendeu e emocionou o público criciumense naquela noite. Desde que a Camerata foi formada, há três anos, inicialmente sob o nome de projeto "Cordas e Canções", Josenir Cerqueira está acostumado com esta reação do público, seja em *shopping centers*, teatros, igrejas, centros comunitários e praças de bairros. "As pessoas saem maravilhadas", comenta o músico de 35 anos, que durante o dia trabalha como técnico em química na Canguru Embalagens. "Tem gente, por exemplo, que nunca viu um violoncelo e quer tocar no instrumento para acreditar que é de verdade. Às vezes até pergunta: 'será que é dali que está saindo mesmo o som?'", comenta.

Integram a Camerata Criciúma um violoncelo, duas violas clássicas e 12 violinos, um deles sob a responsabilidade de Renata Martins da Cunha, de dez anos. A menina conheceu o instrumento há dois anos, ao assistir a um DVD do grupo *pop* irlandês The Corrs. "Vi a moça tocando e pedi para o meu pai", lembra. Renata passou a ter aulas com Elisângela da Silva Cerqueira, mulher de Josenir, e nunca mais parou, apesar de ter enfrentado, inicialmente, algumas resistências. De uma família simples de Cocal do Sul, a violinista mora em Criciúma com o pai, um de seus principais incentivadores, com as duas irmãs (uma delas, Beatriz, de 11 anos, também toca o instrumento), a tia e a avó. Para o futuro, quer tocar numa orquestra sinfônica e ser professora de música. "Se eu continuar batalhando, acho que consigo", sonha Renata.

Na opinião de Josenir, é desta forma, como um "trabalho de formiguinha", que se forma uma platéia aberta a apreciar e a respeitar a música e, o que é melhor, utilizá-la como um instrumento para unir pessoas, independente de suas classes sociais, origens geográficas, idiomas e crenças religiosas ou políticas. "Nosso sonho é poder levar a música erudita às comunidades carentes, falar de cada um dos instrumentos e mostrar como funcionam. Também sonhamos em ter uma orquestra sinfônica no município", vislumbra.

Diversos grupos de música erudita com trajetória sólida em Santa Catarina têm um trabalho de formação de platéia, fundamental para a popularização e desmitificação entre os públicos com pouco acesso aos bens culturais. Entre os exemplos estão as orquestras sinfônicas de Santa Catarina, a de Florianópolis e a das Comunidades, além da Camerata Florianópolis. Trabalho também importante é o realizado pela Pró-Música de Florianópolis, que trouxe para o Estado nomes mundiais da música clássica e popular.

RECONHECIMENTO

O grupo Cantus Firmus, especializado em repertório medieval, renascentista e baixo barroca, passou recentemente por uma experiência semelhante à da Camerata Criciúma. No mês de julho, o grupo de Florianópolis realizou uma turnê por 16 municípios pelo Circuito Catarinense de Música e conviveu com diferentes públicos, de diferentes idades e classes sociais. "É comum pessoas que nunca ouviram falar da gente nos abraçar e beijar com tanta intensidade e sinceridade como se fôssemos parentes com saudades. Muitas contendo o choro, outras tantas maravilhadas com uma nova sensação difícil de descrever", observa o cantor Marcelo Aguiar, 42 anos, baixo profundo do grupo e acostumado a papéis em musicais como "Carmen", "Cavalleria Rusticana", "A Flauta Mágica" e "Rigoletto".

"O impacto da música sobre o público é tão intenso, muitas vezes, que acaba surpreendendo os próprios cantores", conta Marcelo. Um destes momentos marcantes aconteceu com um rapaz que, logo após o término de uma das apresentações, foi conversar com os cantores do Cantus Firmus. "Ele veio nos dizer que chorou dos primeiros acordes da primeira música até o final do concerto", lembra. Em seguida, o rapaz revelou que conseguira liberar um trauma que guardava havia anos. "A partir de nosso concerto, ele transformou sua percepção sobre a música e passou a admirá-la e a amá-la", comenta o cantor.

Apesar da imagem da cultura erudita restrita a determinados grupos sociais, a supervisora de programas educacionais da secretaria de Educação de Itajaí, Susane Barbosa Cugnier, mostra que a prática tem sido diferente no município. "Tenho alunos muito carentes que gostam de balé e alunos de escolas particulares que adoram a cultura de rua. As preferências independem da origem, a questão é evitar os preconceitos e estereótipos e oferecer as oportunidades para que eles conheçam todas as possibilidades e façam suas escolhas", aponta Susane, que também é pedagoga, orientadora educacional e professora de música, canto, técnica vocal, teclado e teoria musical. Uma das experiências de sucesso em Itajaí foi a inclusão de alunos de programas de música na Banda Municipal. Nos últimos três anos alguns membros do projeto "Violinos na Educação" participaram de um encontro no Chile onde foram, segundo contaram a Susane no retorno, "tratados como celebridades".

TEXTO | ANA CLÁUDIA MENEZES
FOTOS | DIVULGAÇÃO

POR RUAS ESTREITAS E TORTUOSAS

O MÚSICO PABLO ROSSI RELATA A VIDA EM MOSCOU

A primeira vez que desembarquei em solo russo, não poderia imaginar que anos mais tarde Moscou se tornaria de fato minha segunda casa, meu segundo lar. Apesar de, na época, estar por completar 11 anos de idade, já podia compreender que essa legendária cidade, que já foi palco das maiores revoluções da humanidade, possuía uma energia muito diferente. Conhecer os grandes palcos onde estiveram os maiores concertistas dos séculos 19, 20, 21, sem dúvida foi uma das maiores emoções de minha primeira empreitada pela capital da ex-União Soviética. Apesar da grande felicidade que me invadiu no retorno ao Brasil, não estava em meus planos futuros cursar a faculdade no célebre Conservatório Tchaikovsky de Moscou. Havia muitos fatos que uma simples criança de 11 anos, ainda submersa em sua ingenuidade infantil, não conseguia compreender sobre a realidade ínfima vivenciada pelos "comunistas" que tiveram que vestir a fantasia de "tio Sam".

Meu retorno a Moscou foi um tanto demorado, mas definitivo. Desembarquei em Moscou carregando comigo um turbilhão de perguntas a serem respondidas, detalhes a serem retocados e a certeza única de que minha vida mudaria. Encorajado pela família, amigos, professores, sempre soube que minha adaptação ao ritmo de vida russo seria um grande desafio para um jovem da América Latina. Brasil, país admirado por muitos pelas suas belezas naturais, mas acima de tudo por suas novelas. É inegável o destaque internacional da televisão brasileira. Tão forte quanto a idéia de que nossas novelas são obras de verdadeiros artistas é o estigma racial produzido na literatura russa que envolve nosso povo. Um dos mais claros exemplos desse equívoco racial me remete ao dia em que me apresentei ao Departamento Estrangeiro do Conservatório Tchaikovsky (comumente chamado de "Decanato"). Ao se referirem a mim, estudante brasileiro, fizeram uso de gírias russas, uma camuflagem à prova de idiomas latinos, para assinalar a chegada de um menino do "país dos macacos". Infelizmente essa herança ideológica se deve a obras literárias russas de grande sucesso, que em seu mundo de suposições infundiu adjetivos desnecessários e equívocos à nossa sociedade. Equívocos esses que nenhum humano habitante da Terra está impedido de cometer. Da mesma maneira como os russos nos conectam a pensamentos errôneos, nós, brasileiros em nossa plena "ignorância", somos acometidos pela influência poderosa de nossa mídia. "Rússia? Você tem certeza que agüentará um dia lá? Tenho pena de você... mas, às vezes, nos vemos sem escolhas." Essa foi uma das comuns frases de "incentivo" recebidas por mim quando anunciava minha partida à Moscou dos "bêbados" (adjetivo que aqui no Brasil é sinônimo de Rússia). Infelizmente, uma nação civilizada que teve início a meros 400 anos não pode se julgar superior a uma civilização com mais de oito séculos.


PABLO ROSSI

A arquitetura russa tem seu destaque, na minha opinião, nas belas igrejas ortodoxas que se espalham por toda Moscou, com suas cúpulas decoradas e seus interiores modestos. É impossível não admirar a perfeição artística refinada destes monumentos religiosos. Os ícones, que podem ser encontrados nos interiores das igrejas mais pomposas, são obras de arte de grande valor histórico para os russos, verdadeiros "retratos dos deuses". Até hoje há um grande controle alfandegário no intuito de impedir que essas "jóias" religiosas sejam ilegalmente levadas para fora do território russo.

Ao percorrer as ruas estreitas e tortuosas do centro antigo de Moscou, observa-se quão grandes são os esforços para que as antigas construções dos séculos 18 e 19 sejam recuperadas e restauradas de forma eficiente, sempre preservando suas fachadas suntuosas e elaboradas. Apesar de ficarmos impressionados pela grandiosidade dos diferentes estilos arquitetônicos de prédios e casas antigas, é impossível não notar a gritante diferença social evidenciada a partir do "novo" sistema capitalista. Distanciando-se do centro histórico moscovita é inevitável não ficar chocado com os milhares de edifícios da era comunista, revelando a verdadeira paisagem social russa. Símbolos concretos da coletividade ainda presentes na vida dessa nova nação capitalista. Embora a Rússia esteja na segunda década pós-comunismo são evidentes os vestígios desse sistema limitado, desde a situação em que famílias vivem na miséria, sem emprego, até o repúdio comercial aos consumidores capitalistas. Cidade dominada pelas máfias empresariais, sem ética e lei, onde nós, simples espectadores da explosão capitalista, somos pegos de surpresa ao sermos barrados na entrada de um restaurante ou desrespeitados nas ruas por aqueles que ainda se prendem aos estigmas étnico-raciais. Não é raro encontrar idosas mães de família implorando nas ruas movimentadas moscovitas por alguns "kopeikis" (centavos russos) ao mesmo tempo que aqueles russos que vestiram comodamente a roupa do capitalismo esbanjam supremacia econômica, gastando, às vezes, milhares de dólares em uma bela roupa de grife.

Moscou é uma cidade mágica; enquanto nos vemos indignados e petrificados com essa sociedade, surpreendemo-nos com a evolução cultural desse povo tão sofrido. Museus incontáveis, como seus visitantes. Teatros inextingüíveis, templos de apreciação musical, palco dos maiores músicos, compositores, poetas e artistas em geral. A escolha é infindável por recitais, concertos sinfônicos e óperas. É possível encontrarmos quatro teatros com programações individuais simultâneas em uma única rua. Como é bom poder escolher dentre uma infinita gama de espetáculos da mais alta qualidade sem se preocupar com valores financeiros. Como é gratificante receber os cumprimentos de um mero ouvinte após um concerto. É surpreendente a intelectualidade musical desde o mais simples trabalhador até o mais destacado profissional. Em cada concerto encontramos uma platéia atenta aos mínimos detalhes de um gesto, expressão, pensamento. Todos unidos com um único objetivo: a apreciação musical. Em sua grande maioria, vinham diretamente de seus expedientes laborais às salas de concertos. Avesso aos "desfiles de moda" dos teatros brasileiros, onde seus protagonistas exibem seus melhores trajes e jóias, a apreciação musical dos russos possui um significado diferente. Acredito que devemos repensar o verdadeiro valor dos concertos.

O famoso Conservatório Tchaikovsky é uma das maiores instituições educacionais do mundo e compreende três destacadas salas de concerto: Bolshoi Zal (Sala Grande), Mali Zal (Sala Pequena) e Rachmaninovsky Zal. Para mim não há emoção maior que poder circular pelos corredores onde a música teve seus grandiosos alicerces construídos e lapidados. Ali viveram e se apresentaram os maiores músicos de todos os tempos, desde Rachmaninov e Tchaikovsky até Nëhaus, Richter e Gilels, só para citar alguns. Podemos encontrar em cada sala de aula marcas de seus grandes freqüentadores. Os retratos nos quadros fixados nas paredes das salas perpetuam para sempre o legado dos grandes educadores da escola russa.

Não sei ao certo o que me espera daqui por diante, mas tenho absoluta certeza de que minha carreira artística será fundamentada na procura da essência da arte em seus infindos detalhes, como definiu o grande poeta inglês Oscar Wilde: "A música é o tipo de arte mais perfeita: nunca revela o seu último segredo".

FOTO | DIVULGAÇÃO

ACESSE DANÇA CONTEMPORÂNEA

A democratização do acesso à dança é fundamental para a profissionalização e o reconhecimento desta arte no Brasil. Ao contrário do que se pode pensar, a palavra acesso não se restringe ao plano econômico, ou seja, vai além da possibilidade financeira de produção ou consumo de arte. Diz respeito também à capacidade de apropriação do conhecimento, à aptidão para tornar próprio um conteúdo, tirar proveito de uma informação a ponto de conseguir recriá-la, transformá-la. Neste texto proponho reflexões sobre as oportunidades de acesso à dança em Santa Catarina, de modo especial por parte do público, e ressalto a importância do investimento em formação de platéia para o desenvolvimento da dança contemporânea catarinense.

Os poucos artistas, grupos e companhias de dança contemporânea que se arriscam na realização de apresentações independentes pelo Estado costumam se deparar com as platéias dos teatros praticamente vazias. As explicações mais evidentes indicam que o problema decorre de uma divulgação mal feita; da falta de tempo, disponibilidade, dinheiro para compra de ingressos e da preferência extremada do público catarinense por nomes consagrados na mídia como, por exemplo, a Cia. de Dança Deborah Colker. A resposta, dependendo do caso, pode ser uma destas hipóteses ou a combinação de todas elas. Mas existem outras possíveis, como a falta de familiaridade com a dança contemporânea e a má qualidade dos espetáculos, que servem para afastar o público. Para os profissionais da área, uma questão central é como atrair e educar a população para o contato com propostas contemporâneas de dança.

Algumas observações e interrogações vêm à tona. A dificuldade de formação de platéia é visível em Santa Catarina e articula-se a outros fatores importantes para a sobrevivência da dança contemporânea. Se por um lado alguns festivais, mostras e eventos catarinenses conseguem aglutinar um bom número de assistentes, por outro, principalmente artistas e grupos locais sofrem com a pequena quantidade de público em seus espetáculos. Hoje Santa Catarina tem cerca de 30 teatros, um número razoável quando relacionado à produção de dança local existente. Devemos, no entanto, considerar que nem todos são adequados e qualificados para a área e ainda, que a mera existência de espaço não é propriamente um impulso à criação de dança. Os altos custos de locação dos teatros e equipamentos colaboram para inibir a produção e a circulação de espetáculos dentro do próprio Estado.

A ocupação dos teatros é assunto a entrar em pauta. Afinal, como grupos e companhias sobrevivem num local onde não existem temporadas de dança, o acesso aos palcos é dificultado e o público é limitado? Por que não estabelecer um calendário de ocupação dos teatros públicos para a dança local? Por que não implantar e estimular um programa contínuo de espetáculos de qualidade para que a dança contemporânea conquiste seu segmento de público? Será que o público, tantas vezes considerado a razão de ser do artista, não está sendo jogado para segundo plano? Se a dança se realiza em sua relação com a platéia, por que são poucos os grupos e artistas que estruturam projetos voltados ao diálogo efetivo com o público? Será que o mesmo financiamento público que colabora para dar forma às idéias de dança pode, de modo perverso, tornar o artista descompromissado com a conquista de platéia? Pois quando o pagamento das despesas de produção e exibição está garantido via patrocínio incentivado, pode ocorrer que o grupo ou artista proponente não se preocupe com o alcance de público, já que não há necessidade alguma de pagantes. Afinal, que papel as bilheterias têm para prover sustentabilidade aos grupos e companhias?



É verdade que a não-cobrança de ingressos em um espetáculo facilita o acesso do público a ele; no entanto, não garante sua presença. E também não assegura sua formação. Quais estratégias podem contribuir para ampliar e educar novas platéias para a dança contemporânea? Um caminho possível é a criação de programas voltados especialmente para crianças e adolescentes. Ações que poderiam ocorrer facilmente por meio de parcerias entre artistas, universidades, escolas, órgãos públicos e a iniciativa privada. Mesmo que as idéias não cheguem a ser inovadoras, têm potencial de sucesso.

Grupos e companhias de dança contemporânea poderiam ofertar oficinas, ensaios gerais ou espetáculos didáticos para estudantes. Escolas públicas ou particulares poderiam preparar seus alunos para a ação em encontros prévios com seus professores. Neste caso, o professor da instituição deveria participar antecipadamente de aula ou programa especial sobre dança contemporânea. Enfim, seria essencial discutir e aprofundar as atividades pedagógicas a serem implementadas no projeto entre os seus promotores. O foco seria o de ajudar os participantes – crianças e jovens –, a apreciar dança contemporânea, proporcionar a interação destes com as obras apresentadas, estimular a compreensão artística.

Além disto, destacam-se as possibilidades de fortalecer o hábito de freqüentar o teatro e salas de espetáculo, de formar um público participativo e estimular o pensamento crítico e questionador.

Fundamentais são os projetos que convidam à realização de debates e troca de idéias, ao diálogo crítico entre realizadores e público-alvo e, assim, colaboram para enriquecer e fundamentar a recepção de espetáculos. A promoção do acesso intelectual liga-se a uma maior valorização da dança contemporânea e à discussão de sua importância na sociedade. Afinal dança é conhecimento, explora a capacidade humana de imaginar, possibilita ao homem uma relação criativa com o mundo e suas informações. O acesso à dança contemporânea não equivale somente a uma questão quantitativa, a um aumento no número de pessoas nas platéias. Está relacionado de modo substancial à qualidade, como disse Renato Janine Ribeiro: "significa mais pessoas terem uma experiência intensa de ampliação de perspectivas pelo contato com o que é diferente". A qualidade que amplia os horizontes de uma experiência e ensaia outros modos de ser.

"QUEM DANÇA NÃO É AQUELE QUE LEVANTA POEIRA. QUEM DANÇA É AQUELE QUE INVENTA SEU PRÓPRIO CHÃO."

(PROVÉRBIO MOÇAMBICANO)

TEXTO | JUSSARA XAVIER
FOTO | DIVULGAÇÃO/NILSON BASTIAN/BOLSHOI BRASIL



CORPO HÍBRIDO

Professora de dança contemporânea nas Oficinas de Arte da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), Elke Siedler recebeu em 2006, com seu espetáculo "Error Solo", o Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna. A apresentação, criada em 2004, já havia viajado bastante pelo Brasil, participando de mostras como convidada. Com o prêmio do Ministério da Cultura e com o aval do Sistema Estadual de Incentivo à Cultura, Elke fez 12 apresentações no primeiro semestre deste ano, em cidades como Blumenau, Florianópolis, Curitiba, Itajaí, Joinville, Jaraguá do Sul, Lages, Porto Alegre, Pelotas. A professora e dançarina Marta César, também integrante das Oficinas da FCC, a acompanhou na viagem. Depois que Elke oferecia oficinas gratuitas, Marta conversava com o público e fazia um debate sobre a linha de pesquisa abordada em "Error Solo" e sobre o impacto da dança contemporânea no País. A repercussão deste bate-papo era excelente, recorda Elke. Discutia-se muito a questão da formação de público, escasso principalmente nas cidades do interior do Brasil. A seguir, em entrevista concedida a Mary Garcia e Jayro Schmidt, integrantes do conselho editorial de Ô Catarina!, a dançarina fala um pouco mais de suas conquistas e dificuldades.



Ô Catarina! – Desde quando você está empenhada com a dança?
Elke Siedler – Comecei a estudar e praticar dança com cinco anos e desde então não parei mais. Com seis anos decidi que queria ser bailarina profissional. Dos cinco aos 19 fiz balé clássico com a Bila Coimbra, uma senhora carioca que veio morar em Florianópolis e é mestre de balé clássico. A partir dos dez anos eu fazia umas cinco horas de aula de dança por dia. Aos 19 continuei com ela e em 1996 passei a integrar o "Cena 11" (Cia. de Dança). Já havia estudado dança contemporânea durante a adolescência, mas foi entrando no "Cena 11", no qual fiquei seis anos e meio, que me profissionalizei. Resolvi sair quando percebi que eu queria criar por conta própria.

Ô Catarina! – Nos últimos anos, fala-se muito em arte contemporânea. Na sua concepção, o que é dança contemporânea?
Elke – Significa um conceito, uma idéia através da dança, de movimentos. Ela não tem uma técnica institucionalizada como o balé clássico: é uma pesquisa aberta a experimentos. Por isso chama-se também de "o corpo híbrido", pois permite pegar tendências das artes marciais ou de outras técnicas de dança, de performance e até mesmo de artes plásticas. Eu tenho usado multimídia, robótica, música ao vivo, cenário. Esta dança também não exige um padrão físico como no balé clássico, por exemplo. Trabalhamos com obesos, deficientes físicos, todas as idades e tamanhos.

Ô Catarina! – O contemporâneo vai se tornar clássico no futuro?
Elke – Com o tempo a arte está se misturando tanto que na Alemanha eles chamam de performance, multimídia, robótica. Nem se fala mais em contemporânea. É o corpo que se movimenta. É difícil também dizer o que é música eletrônica, por exemplo.

Ô Catarina! – Por que é difícil para quem faz dança contemporânea conseguir recursos com os empresários? As pessoas acham que os espetáculos são agressivos? A população, que não tem acesso didático à dança contemporânea, não entende?
Elke – É necessário adaptar o gosto do povo às coisas atuais. Porque arte não é só o que se vê na televisão. A arte é para refletir, contestar, incomodar, nem sempre é agradável. O padrão mudou, e acho que os espetáculos têm que circular mais. Não é só Deborah Colker que existe. E sou contra o espetáculo gratuito: os preços é que deveriam ser acessíveis. Deborah Colker, enquanto arte, é meio discutível, mas tem seu mérito. Ela divulga a arte contemporânea. Temos que educar o povo. Em cada cidade que me apresento, inclusive em São Paulo, os profissionais de lá e dos grandes centros falam que é complicado. É um problema do Brasil todo.

Ô Catarina! – você tem informação sobre o que ocorre na Europa?
Elke – Estão acabando as grandes companhias como a Pina Bausch. Não existe mais megaespetáculo por falta de verba. Os coreógrafos fazem projetos com três ou quatro bailarinos e se apresentam durante um ano, dois anos. Há público na Itália, onde existem dificuldades de espaço físico e de verba, mas o público é maior.

Ô Catarina! – E no campo pessoal, você se consideras realizada?
Elke – Estou muito feliz. Realizada. Sempre quis ser bailarina. Dá para ganhar dinheiro, mas trabalho muito. Meu pai era professor e também músico. Minha irmã é atriz, vive das artes cênicas. Eu e minha irmã tivemos o maior apoio da nossa mãe. Apoio financeiro e emocional. As pessoas criticavam dizendo que deveríamos nos encaminhar para áreas mais técnicas. Mas ela sempre nos apoiou em nossa escolha.

Ô Catarina! – Enquanto você descobria a dança, o que foi acontecendo com o seu corpo?
Elke – Tenho muita preocupação com a postura, com a alimentação. A preservação física é importante. Não ando de moto para não me acidentar, por exemplo. O corpo muda muito. Através da disciplina aprende a suportar a dor e a adquirir paciência para ter flexibilidade própria e com os outros. Passas a respeitar os teus limites e os limites dos outros. Há o artista que não tem tanto talento, mas com muito trabalho torna-se um bom profissional.

Ô Catarina! – O seu corpo, com o passar do tempo, ficou cada vez mais flexível, mais energético. Isto pode ser chamado de experiência?
Elke – Sim, é experiência. Existem bailarinos de 40, 50 anos. Mesmo no balé clássico, temos a Ana Botafogo, a (Cecília) Kerche, que não são mais jovens. A tecnologia ajuda muito. O envelhecimento está cada vez mais sendo retardado. O próprio Barishnikov, com 60 anos, ainda está dançando e ensinando. Eu adoro dar aula, porque aprendo com os alunos e os alunos ensinam bastante também.

Ô Catarina! – O que é a dança para você?
Elke – É minha vida.

ELKE SIEDLER

ENTREVISTA | ELKE SILDLER
FOTOS | DIVULGAÇÃO

SANGUE, SUOR E SAL

Todo mundo que conheço adora contar causos, histórias e mentiradas. E todo mundo que me conhece sabe que Eu também adoro essas contações. Um universo inteiro não é espaço suficiente para conter as criações e criaturas da imaginação humana. Não há rédea que segure ou freio que acalme essa tal da Madame Imaginação. Por vezes as pessoas riem das histórias, por vezes têm medo e, por outras, choram. Mas sempre, toda vida, aprendem algumas coisas. Ou, ao menos, deveriam aprender. O que Eu vou narrar agora não é triste o suficiente para fazer chorar, nem tão alegre para se abrirem as gargalhadas. É a minha história e a dos meus, a história do meu Mano e do amor que passou na vida dele.

Não tive a sorte de conhecer o meu Vô por parte de Pai, que Deus o tenha! Não sei muito do Pai do meu Vô ou mesmo do Vô do meu Vô, mas duvido que essas narrações se diferenciem muito: nasceram chorando, andaram, pescaram, capinaram, casaram, construíram uma casa, morreram. Meu Vô, por parte de Mãe, sempre dizia que não queria ir pra debaixo da terra depois de cumprida a vida, pena imposta aos viventes. Deixou esposa e quatro crianças pequenas, seus miúdos, e foi pescar. Horas depois encontraram o barco vazio, sem peixe, nem pescador.

Meu Pai só conheceu uma escola: o trabalho. Pescava e capinava, sempre acreditando na rede farta e na safra sem pragas pra aplacar um pouco a fome da família. Quantas e quantas vezes ele apenas colheu desilusão das esperanças que plantou; quantas e quantas vezes ele pescou apenas calos neste mar de trabalho duro. Começou a sentir dores muito fortes no braço esquerdo e, por isso, parou de me carregar no colo. Diz a Mãe que nenhuma benzedura deu jeito e que os doutores da cidade cobravam mais que o muito. Dois ou três meses depois, quando parou de capinar para ir tomar café, sentiu o corpo pesado e encontrou a terra como amparo. Cansado de tanto trabalhar, ganhou o descanso eterno.

Meu Mano chegou a aprender a escrivinhar o nome e teve que abandonar a carteira para entrar num barco; trocou o lápis por uma enxada. Ainda menino, virou o homem da casa. Quando comecei a ganhar a noção das coisas, fui ocupar o lugar no barco que me esperava há muito. Acostumei fácil ao trabalho, não conheci outra vida. Antes de sair de casa era pão com café, tantas vezes só café, mas todo dia a Mãe dava uma bênção. Com aquelas palavras, os ânimos acordavam dentro dos corpos que queriam continuar dormindo, as forças, escondidas, afloravam.

Vários fios são a rede, fios estes que deixam passar a água e prendem o peixe. Só funciona por que são vários fios; um fio só, só ia se molhar. Assim, essa continuação do braço do pescador, vai acariciando a água, agarrando nos seus dedos peixes dos mais variados tamanhos, das mais diversas cores. Achava, nos meus sonhos de menino, que a cada peixe pescado no mar, era uma estrela que se apagava no céu. Temia, e muito, pescar os peixes que correspondem ao Cruzeiro do Sul ou as Três Marias. Ainda hoje, quando olho os dois no horizonte, não sei dizer com certeza, onde começa um e termina outro. A madeira dura do chão do barco é onde os peixes travam as suas derradeiras batalhas. Pulam, tremem, tentam respirar, mas não conseguem escapar do seu destino: virar o nosso sustento.

Terminada a pescaria, eu ia pra casa ajudar a Mãe e o Mano ia vender os peixes. Pegava uma vara comprida e pendurava nela toda sorte de peixes que a nossa sorte permitiu pescar. Passava, com uma corneta, de rua em rua se fazendo anunciar. Em algumas casas, nem precisava de muita cerimônia, já era um bom amigo, tratado e tratando pelo nome. Mas, existe tantos outros peixeiros que também fazem amizade fácil. Por isso, chamar a atenção é necessário. A memória já apagou a data exata, mas eu me lembro como se fosse hoje daquele dia. Uma moça branca como uma vela de Sexta-Feira Santa, de olhos verdes e encaracolados cabelos brasileiros, veio espiar pela janela quem era que fazia tanto alarido.



Daí então, meu Mano se apaixonou. Não descuidava das suas obrigações, mas sempre soltava suspiros soluçosos quando se lembrava do verde dos olhos dela. Os pescadores mais velhos, os amigos mais vividos cansaram de dar conselhos que sempre tinham a mesma moral: esquecer a moça. O Mano não compreendia que não se pesca baleia com tarrafa pra tainha. Ouvi uma vez, não me recordo direito, faz tanto tempo, que o fogo é o belo horrível. Poucas coisas são tão belas de se ver como o fogo bailando no manto preto da noite.

E poucas coisas são tão horríveis como o resultado dessa dança. O fogo mastiga tudo, lambe e morde até deixar apenas cinzas. Assim, depois entendi bem, é o amor. O Mano passava duas ou três vezes por dia na frente da casa dela, já chegou a passar seis vezes num dia, deu alguns peixes de presente, falou belas palavras, contou anedotas. Mas nada ocultava a sua humildade, as suas mãos calosas, seu cheiro de peixe e a sua simplicidade. O corpo fraquejado pelas constantes necessidades mantinha-se em pé pelas forças da alma, belíssima, que não suportava ver os seus sofrendo. Mas essa alma despedaçou-se ao ouvir da moça o porquê da recusa de tantos galanteios: pobreza.

Não muito lentamente, Eu e a Mãe vimos o mano se transformar em outra pessoa... Não posso nem dizer pessoa ou gente, não sei no que foi que ele se virou. Proibiu-se de chorar ou de lamentar, mas pra realizar tal intento, começou a beber. Primeiro, para esquecer dela. Depois, para esquecer do que ela disse. E, por fim, para não esquecer do que já havia esquecido. Os peixes não vivem fora d'água e ele não vivia longe de uma garrafa. Fez da Madame Aguardente a sua companheira e destino.

Sou pescador, não tive a chance de ir para a escola. Então, tento entender tudo como uma grande pescaria. O padre fala e fala aos domingos coisas que só ele entende e nem ele segue, mesmo assim, já sei que um dia Nosso Senhor Jesus Cristo vão jogar uma tarrafa lá do alto dos céus. É uma tarrafa mágica, tecida com o algodão das nuvens, que não se engancha em nada e vai recolher as boas pessoas para irem morar a Sua direita. O que aconteceu com o Mano, também explico por uma pescaria: comandado pela Madame Aguardente, ele remou por um mar de desgraças até chegar ao derradeiro porto, depois de ter pescado apenas as tragédias desta vida.

Mas o Mano não percebeu isto, não conseguiu pular do barco em tempo. Pra ele, a vida virou uma festa: nada mais de fome, nada mais de trabalho, nada mais de dor. Perdi a conta das vezes que vi a Mãe rezando e benzendo esse seu filho, desmaiado em um canto, dormindo a sono solto. Por mais que amasse ele, não conseguia chegar muito perto, não conseguia tocá-lo: o bodum da maldita madame era insuportável.

No começo, os recebimentos dele começaram a ficar menores, não que trabalhasse menos, mas ia deixando o seu dinheiro em cada bodega que encontrava a caminho de casa. Foi trazendo menos, menos, cada vez menos, até não trazer mais nada. Parou de trabalhar, só tinha tempo pra Madame Aguardente. Dali a pouco, começaram a sumir as galinhas, as ramas de mandioca, as panelas. O Mano começou a vender as poucas coisas que tínhamos em casa e dava sempre o mesmo fim ao dinheiro. A miséria que era grande, se tornou imensa.

Foi expulso de casa, voltava tempos depois se dizendo arrependido e a Mãe perdoava. Cometia sempre os mesmos erros e pedia sempre o mesmo perdão. A Mãe passava os dias em casa, doente e fazendo renda, o Mano vivia nas sombras dos pés de árvores, sempre mal acompanhado, e só Eu levava sustento pra casa. Sustento pequeno que foi se tornando ainda menor. Tristemente, chegamos num ponto que não havia mais nada pra vender. Até o rosário da Mãe, o Mano vendeu!

Um dia, seus dias se acabaram. Comendo nada, dormindo no sereno, bebendo e bebendo, o Mano foi emagrecendo, sumindo, até se acabar. Não mais sentiria frio, fome ou sede. Nunca mais seria humilhado por ser pobre ou humilde. Era apenas o Mano, o meu Mano, descansando o sono que aguarda entes e viventes. Comandado pela madame cachaça, ele remou por um mar de desgraças até chegar ao derradeiro porto, depois de ter pescado apenas as tragédias desta vida. Não fiquei feliz com a partida dele, mas, pelo menos, meus olhos não precisam mais contemplar a nuvem negra que se apoderou dos olhos dele.

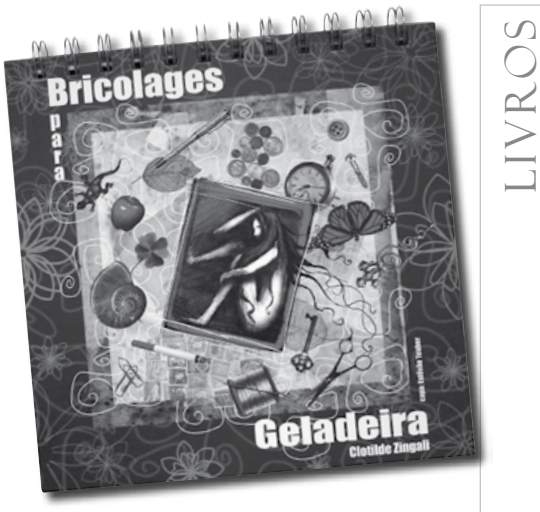
Fiz dívidas para conseguir comprar o caixão de madeira fina e sem nobreza que será a última morada do Mano. Tanta gente que Eu nunca vi, tantos que conheço, tantos que me conhecem antes mesmo de meu nascimento acompanharam o velório e o enterro. A Mãe foi consolada por outras mães e Eu fui amparado pelos filhos delas. Soube, sempre aos sussurros, de que tantas outras casas e famílias têm problemas parecidos, se não, iguais. Ainda hoje, toda vez que vou numa missa, qualquer missa, me vejo com água nos olhos sempre que me pego repetindo o que o padre repetiu tantas vezes: "Descanse em paz."

Quantas vezes Eu disse pra mim mesmo que pior não podia ficar. Como estava enganado, Meu Deus, como! De tristeza, a Mãe adoeceu de vez. Não tinha nem forças pra fazer suas rendas, não conseguia nem fazer um café. Uma afilhada passou a passar os dias lá em casa e, mesmo que pouco, tive que dar algum dinheiro pra ela. Por muito tempo parei de ir na missa, esqueci por completo o que significa a palavra descanso. Cada centavo a mais já era uma vitória e, depois dos acontecidos, passou a ser uma vitória dobrada. Mas, por incrível que pareça, o que mais me pesava era a saudade do Mano.

Ouvi um doutor, uma vez, dizendo que o sal do mar são lágrimas de Portugal. Desde aquele dia me pergunto quanto desse sal não é suor, que também pinga do corpo, em maior quantidade que o choro. A Mãe continua doente, menos triste, é verdade, e a afilhada continua lá em casa. Eu continuo trabalhando e pretendo continuar assim até quando Deus permitir. Essa foi a minha história e a história dos meus. Mas, gente, não temos tempo para bruxas. Vamos logo que os vigias estão fazendo sinal, as tainhas estão perto da praia. Vamos!

TEXTO | JONAS TENFEN
ILUSTRAÇÃO | AYRTON CRUZ/DIVULGAÇÃO

BRICOLAGES PARA GELADEIRA





da vida na cidade

pelas ruas
espreitada por sons
volúpias e apelos

caminho poeta
caminho apesar
caminho latente

check up

tem sempre um julho, no curso da vida, que deixa a sensação de fragmento, de corte de faca afiada na pedra – um sentimento de que inexistem estações depois do inverno, de que a vida inverte termômetros

anamnese

palpita em minhas vértebras uma urgência que se esparrama. o deslocamento celular traz um frisson e uma dor que se esconde entre o coração, a pele e o clitóris. cianótica, assisto impassível o tálamo anular o córtex. tomo contato com neurônios em curto, fico a um passo do enfarte, do descontrole: os pulmões retirando o quase nada de ar que há na terra e o coração batendo rarefeito. neste exílio, sub-existe uma vontade de vento, sons perdidos, volúpia de bocas e brilho nos olhos. o torpor do segundo é como neblina, começa encobrindo suavemente e termina por extrair a imagem, que verte como água entre os dedos.

sublevo e recomeço em lá menor – o vermelho das veias continua seu passo – quase indiferente, como se desconhecesse que ergui quatro paredes circunscritas entre o piso e o forro, e que de lá, desse ponto de vista, não sei abrir portas. o deslocamento celular então mais lento começa a descompassar seus movimentos, os sentidos começam a travar – e assim é – assim sinto. tem dias que no meio da noite acordo com ondas gigantescas que se atravessam feito paredes no meio da sala, do quarto – sou um surfista nas ondas do pensamento – e tento dormir debaixo da pele, sobre a crosta da alma, com camadas de sentimentos enterrados. permeável aos gestos, aos olhares e sobretudo às palavras que não são ditas e que deitam tons e sobretons por mim – não tem remédio isso – sigo metabolizando teorias entre práticas desconexas, pensamentos despropositados, e um e outro analgésico.

Lenimar Andrade, 40 anos e alguns dias

1. a sombra dia a dia grita recalques em veias dilatadas, procura luz na alcova tão afeita a penumbras. abre o zíper e desvela-se atônita, debaixo das pregas da pele.

2. com sentimentos suspensos permite que rasguem sua anti-consciência. sulcos. seu corpo é sambaqui.

3. o corpo sambaqui é instrumento arqueológico. macerado de ausências, com poeira na superfície e destemperos calculados, nos soslaios de quando em quando, revela-se.

4. o corpo retrato empenha desejos e vasculha ausências na constância efêmera do não desejo. atalhos o conduzem.

5. o caminho descasca hipóteses ante o limo das ausências. o corpo sambaqui escorrega e permanece ontem, com um seco na boca.

6. bueiros assombram o corpo em sulcos. poros entupidos dilatam-se e mais uma vez, revelam.

7. em ações convertidas, debaixo da pele ou da palavra proferida, Lenimar Andrade resiste.

TEXTO | CLOTILDE ZINGALI
ILUSTRAÇÕES | ESTÊVÃO TEUBER PEREIRA

medusa negra
ca-belos duros
de ár-vore
olhos par-alisantes
tua bocarmuda
língua
banto
quando
SAMBA

